

O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA: O GÊNERO TEXTUAL MITO

José Carlos KÖCHE⁴⁶

Vanilda Salton KÖCHE⁴⁷

Adiane Fogali MARINELLO⁴⁸

Resumo: Este artigo aborda o gênero textual mito, sua definição, características e estrutura, e propõe atividades de leitura e escrita para exploração do gênero junto aos alunos do Ensino Médio e Superior. O trabalho integra a pesquisa-ensino “Leitura, produção textual e prática de análise linguística a partir de gêneros textuais”, desenvolvida na UCS. A pesquisa apresenta um enfoque qualitativo-interpretativo e de aplicação didático-pedagógica. Fundamentam este artigo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e os autores: Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Coelho (2003), D'Onofrio (2002), Eliade (2006), Krings et al. (1978), Köche (2012), Lalande (1996), Leal (1985), Willis (2007), Simonsen (1987) e Silva (2000).

Palavras-chave: Gênero textual. Mito. Leitura e produção textual.

Abstract: *This article discusses the myth textual genre, its definition, characteristics and structure, and suggests reading and writing activities to explore the genre with students from high school and college. The work integrates research-teaching of reading, writing and the practice of linguistic analysis of text genres, developed at UCS. The research presents a qualitative-interpretive approach and didactic-pedagogical use. This article is based on the National Curriculum Parameters and the following authors: Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Coelho (2003), D'Onofrio (2002), Eliade (2006), Krings et al. (1978), Köche (2012), Lalande (1996), Leal (1985), Willis (2007), Simonsen (1987) and Silva (2000).*

Keywords: *Text genre. Myth. Reading and writing.*

⁴⁶ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidad de Salamanca. Professor do Centro de Filosofia e Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jkoche@ucs.br

⁴⁷ Mestre em Estudos de Linguagem pela UFRGS. Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade de Caxias do Sul – CARVI, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vskoche@ucs.br

⁴⁸ Mestre em Letras e Cultura Regional pela UCS. Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade de Caxias do Sul – CARVI, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: afmarine@ucs.br

Introdução

A fala e a escrita são manifestações verbais situadas em determinada instância da atividade humana que se concretizam por meio de gêneros textuais. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) ressaltam que o texto só existe na sociedade e é fruto de uma trajetória social e cultural. Conforme o documento, o texto é único em cada contexto, porque marca a interação comunicativa entre os interlocutores que o produzem e entre outros textos que o compõem.

Os PCNs dizem ainda que a língua, quando trabalhada no ambiente escolar, precisa ser explorada a partir do contexto social em que está inserida, pois ela é indissociável de sua própria natureza. Assim, é importante estudar os gêneros textuais em sala de aula, levando em conta as diferentes situações de interlocução.

Este artigo objetiva caracterizar e analisar o gênero textual mito e sugerir atividades de leitura, escrita e prática de análise linguística que subsidiem o trabalho docente. É importante trabalhar o gênero mito, já que ele está presente no contexto social dos alunos, por meio das releituras efetuadas por obras literárias, histórias em quadrinhos, filmes e desenhos animados, entre outros gêneros, bem como em metáforas utilizadas pelas teorias científicas da Psicologia e Psicanálise. Fundamentam este artigo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e os autores: Bakhtin (1992), Bronckart (1999), Coelho (2003), D'Onofrio (2002), Eliade (2006), Krings et al. (1978), Köche (2012), Lalande (1996), Leal (1985), Willis (2007), Simonsen (1987) e Silva (2000).

O mito

O ser humano realiza a interação com outros indivíduos por meio da linguagem, podendo expressar seus pensamentos, opiniões, ideias e sentimentos, e influenciar seus interlocutores. Essa interação se concretiza através de gêneros textuais orais ou escritos, produzidos pelos usuários da língua.

Segundo Bakhtin (1992), os gêneros do discurso são tipos de enunciados relativamente estáveis. Eles não são totalmente estáveis, pois, dependendo da situação comunicativa em que são usados, podem sofrer alguma mudança.

Conforme Krings et al., “mito, no sentido mais amplo, significa palavra, falar, narração

de um acontecimento divino. O mito fundamenta e esclarece uma tradição” (1978, p.551). Para os autores, esse significado do mito, atribuído previamente no contexto da história grega, se faz presente em todas as culturas nas quais a tradição busca ter validade.

Lalande (1996) mostra definições de mito. Vejamos a seguir algumas definições:

a) “uma narração fabulosa, de origem popular e não refletida, na qual agentes impessoais, a maior parte das vezes forças da natureza, são representados sob forma de seres pessoais, cujas ações ou aventuras têm um sentido simbólico” (1996, p.688). Exemplificamos essa definição com o mito *do Paraíso perdido*. Nessa narrativa, o homem e a mulher viviam em harmonia com a natureza, porém, ao comerem do fruto proibido, descobrem-se nus e são castigados por Deus. Esse mito pode simbolizar a perda da ingenuidade e da pureza.

b) “exposição de uma ideia ou de uma doutrina sob uma forma voluntariamente poética e narrativa, onde a imaginação ganha asas e mistura as suas fantasias com as verdades subjacentes” (1996, p.689). Podemos citar como exemplo *O mito da Caverna*, escrito pelo filósofo grego Platão. Esse mito fala de pessoas que vivem presas numa caverna desde o nascimento e enxergam apenas sombras do que existe no mundo real. Quando um deles vê a realidade e conta o que descobriu para os demais prisioneiros, estes não acreditam. A ideia subjacente a esse mito pode ser a de que só é possível o homem libertar-se das sombras e conhecer a realidade quando estiver livre de qualquer influência social e cultural.

c) “imagem de um futuro fictício (e a maior parte das vezes irrealizável) que exprime os sentimentos de uma coletividade e serve para desencadear a ação” (1996, p.689).

Conforme D'Onofrio (2002), antes do progresso racional e científico, os gregos antigos inventaram histórias fabulosas para explicar as origens dos fenômenos naturais e do comportamento humano. A mitologia grega, por exemplo, vale-se do deus Posêidon para explicar a ocorrência dos maremotos.

Diferente do mito, a ciência busca uma explicação racional para fatos ou fenômenos da realidade. De acordo com Köche (2012), o conhecimento científico se origina da necessidade de buscar soluções para problemas de ordem prática da vida cotidiana e do desejo de dar explicações sistemáticas que possam ser testadas e criticadas por meio de provas empíricas e da discussão intersubjetiva.

Conforme Coelho (2003), nas sociedades contemporâneas, a ciência praticamente tomou o lugar da mitologia. Para a autora, não temos mais o contato consciente com a mitologia, embora algumas correntes da psicologia afirmem que ela está viva no inconsciente

do ser humano, influenciando muitos de seus comportamentos. Isso quer dizer que, embora hoje a ciência explique racionalmente os fatos ou fenômenos, carregamos em nossa bagagem cultural certas crenças oriundas dos mitos.

Segundo Eliade (2006), o mito é a narrativa de uma criação; é uma história sagrada, portanto, verdadeira, visto que se refere sempre à realidades. Ela explica: o mito cosmogônico é verdadeiro, porque o mundo existe; o mito da origem da morte também é verdadeiro, pois a mortalidade do homem prova isso. Para a autora, o mito narra como uma realidade passou a existir, graças às obras dos Entes Sobrenaturais, seja ela total (o cosmo) ou parcial (uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição). Assim, esse gênero pode ser uma forma de compreender o sobrenatural.

O mito, enfim, consiste num gênero textual narrativo popular muito antigo, transmitido oralmente ou por meio da escrita de geração em geração, cuja época e espaço de origem, na maioria das vezes, não podem ser determinados. No decorrer do processo de transmissão, o gênero sofre transformações, podendo determinado mito subsistir em diversas versões, inclusive dentro de um mesmo grupo.

O mito possui certos traços que o identificam como gênero textual. Coelho (2003) atribui sete características ao mito. Vejamos a seguir.

Possui natureza permanente, pois, quando as circunstâncias diferem ou ocorrem súbitas mudanças de sorte numa aventura, as personagens (deuses, heróis) continuam com as mesmas características.

1. Contém absurdos devido à presença de seres sobrenaturais, embora possa ter se originado de um fato histórico.

2. Pode alargar-se de um espaço sagrado para um universo profano.

3. Constitui, em essência, uma resposta às perguntas do homem. A mitologia dá uma explicação simples e direta para muitos fenômenos naturais inexplicáveis do universo.

4. Pode assumir uma dimensão histórica, constituindo-se numa espécie de base fundamental para a humanidade, uma vez que nele o homem reconhece as suas origens, as suas tradições, e esta perspectiva pode tornar-se nacional. Contudo, é interpretado à luz das crenças de cada época.

5. Permite a organização e a compreensão do mundo e das coisas, pois comanda o universo e os seres que nele moram. A princípio, o universo era o caos; os deuses chegaram e colocaram ordem nele, transformando-o num cosmo.

6. Um mesmo conjunto de mitos e símbolos pode estar presente em várias sociedades.

A partir de Silva (2000), podemos acrescentar uma oitava característica: os mitos constituem uma forma de transmitir ensinamentos, como valores, práticas sociais e comportamentos, para a própria cultura em que se originam ou para outras culturas. Por exemplo, na mitologia grega, conforme Willis (2007), o soberano dos deuses, Zeus, mandou uma enorme inundação para castigar os homens pelas maldades do titã Prometeu. A partir desse mito, pode-se depreender o seguinte ensinamento: as maldades são passíveis de punição.

Em todas as culturas, os mitos tratam de temas recorrentes, como o surgimento do universo, a origem dos deuses e o confronto entre os deuses. Willis (2007) elenca grandes temas que os mitos abordam.

1. *Criação - as origens do mundo*: o mistério do surgimento do mundo é uma questão central em todas as mitologias. Segundo o mito Maori da criação (Oceania), o começo do mundo deu-se quando dois seres criadores, Rangi, o céu (masculino), e Papa, a terra (feminina), que viviam presos em um abraço, foram separados pelos deuses e passaram a ocupar posições opostas e complementares no cosmos.

➤ *A estrutura do universo*: há o mundo visível da vida cotidiana e o invisível, que abarca um mundo acima (o céu – morada de seres superiores e deuses) e um mundo abaixo (o subterrâneo – morada dos mortos e espíritos). Segundo a mitologia das regiões árticas, há diversos mundos dispostos um sobre o outro, e o mundo dos homens seria o mediano.

➤ *Causas da vida e da morte*: os mitos tratam mais da criação do mundo do que das origens do homem. De acordo com a mitologia grega, o primeiro homem se originou do barro e a primeira mulher, da terra, diferentemente da tradição hebraica, explicitada no livro bíblico do Gênese, que afirma que Deus criou o homem à sua própria imagem: do barro fez Adão e, de uma de suas costelas, formou Eva.

➤ *Seres sobrenaturais - deuses, espíritos e demônios*: são os protagonistas da criação cósmica em todas as mitologias. Por exemplo, o deus criador hindu é Brahma (O Absoluto).

➤ *Desastres cósmicos - o fim do mundo*: uma catástrofe global, às vezes, é considerada uma punição imposta aos homens pelos deuses. No mito aborígine, do norte da Austrália, uma inundação catastrófica é o castigo pelo erro cometido por duas jovens irmãs que mantiveram um relacionamento com dois homens que pertenciam à mesma divisão de clã que elas.

➤ *Heróis - agentes de mudança*: são machos, possuem habilidades sobrenaturais e podem ser deuses. Na mitologia grega, o titã Prometeu é um herói da cultura porque roubou o fogo do céu em benefício dos seres humanos.

➤ *Astuciosos - agentes de mudança*: podem ser criativos ou subversivos. Os criativos assumem a forma de herói da cultura; os subversivos podem ter a aparência humana ou animal, e são travessos, dissimulados e gozadores. De acordo com um mito da América do Norte, o Corvo, considerado o descobridor do fogo, é astucioso, pois engana os inimigos humanos.

➤ *Animais e plantas*: aparecem em mitos de todo o mundo. Geralmente, determinados pássaros representam o mundo superior dos espíritos e enormes serpentes simbolizam o caos do mundo subterrâneo. Conforme a tradição nórdica, existe a Árvore da Vida ou Árvore do

Mundo, cujas raízes estão no mundo inferior e os galhos, no superior.

➤ *Corpo e alma - espírito e vida após a morte*: tanto os seres humanos quanto os objetos poderosos, como o sol, a lua, a terra, as montanhas, os lagos e as árvores grandes, possuem alma. Assim, o mundo visível da vida cotidiana é associado a uma essência invisível, alma ou espírito. Na mitologia grega, por exemplo, o reino de Hades representa o inferno e se opõe ao celestial Olimpo. No inferno, as almas são julgadas e, se preciso, punidas.

➤ *Ordem social*: os mitos buscam validar distinções sociais fundamentais, como entre governantes e governados, entre classes sociais, entre velhos e jovens e entre homens e mulheres, especialmente no casamento. Os mitos da Austrália, da Papua-Nova Guiné e da América do Sul afirmam que, a princípio, as mulheres regiam a sociedade, porém, em virtude de terem cometido alguma falta, perderam esse *status*. De modo geral, os mitos colocam o homem como um ser superior à mulher.

No mito, o tempo em que acontecem os fatos geralmente é indeterminado. Isso ocorre, por exemplo, no mito do sudeste asiático intitulado *Os Thens e os três grandes homens*: “Muito tempo atrás havia a terra, o céu e as plantas” (WILLIS, 2007, p.305). A expressão *Muito tempo atrás* situa o fato num passado remoto, mas não especifica quando ele ocorreu.

Também o local onde sucedem as ações comumente é impreciso. Exemplo disso é o mito do sudeste asiático, *Bota Ili*, em que o lugar onde acontecem os fatos poderia ser qualquer montanha, o que fica explícito pelo uso do artigo indefinido *uma*: “Bota Ili vivia no topo de uma montanha” (WILLIS, 2007, p.306).

No gênero textual mito, geralmente o narrador vale-se da terceira pessoa do discurso para contar os fatos, e sua tipologia textual de base é narrativa. Atente para o exemplo: “À medida que o deus-sol envelhecia, seres humanos começaram a tramar contra ele. Ao ver isso, Rá convocou sua divina Olho, na forma da deusa Hator” – mito egípcio: *Rá é a punição da espécie humana* (WILLIS, 2007, p.41).

No entanto, no gênero pode-se encontrar também a tipologia textual descritiva, usada para caracterizar personagens, lugares, objetos, entre outros elementos. Veja um exemplo de mito no qual ocorre a sequência descritiva: “As mônades usavam peles de fauno e guirlandas de hera. Todas carregavam um tirso, bastão enfeitado com terminação em forma de pinha, e reuniam-se em um grupo ritual para ir às montanhas, onde cantavam e dançavam até ficar exaustas em celebração ao deus” – mito grego: *Sátiros, mônades e o teatro* (WILLIS, 2007, p.141).

A tipologia textual dialogal raramente ocorre no mito, porém pode estar presente nesse gênero. Ela se concretiza quando duas personagens efetuam trocas verbais. Observe um exemplo: “Então [Bota Ili] avistou Wata Rian e gritou enraivecida: ‘Você impediu meu fogo

de acender! Desça aqui para que eu possa despedaçá-lo a mordidas!’ Wata Rian respondeu: ‘Não grite ou meu cachorro a morderá!’” – mito do sudeste asiático: *Bota Ili* (WILLIS, 2007, p.306).

Os mitos mais conhecidos são os gregos e os romanos, e muitas de suas personagens são deuses. O que distingue os deuses gregos dos romanos é o nome, pois há bastante semelhança entre eles. Exemplificamos: deus supremo – Zeus (grego) e Júpiter (romano); deus do mar – Netuno (romano) e Posêidon (grego); deusa da sabedoria – Minerva (romano) e Atenas (grego); deusa do amor – Vênus (romano) e Afrodite (grego); deus do vinho - Baco (romano) e Dionísio (grego).

Além de os mitos estarem presentes na cultura greco-romana, aparecem em outros povos. Entre as personagens desses mitos, Willis (2007) cita: Osíris (o defensor da ordem) e Ísis (a viúva devotada), na cultura egípcia; Brahma (o originador), Vishnu (o mantenedor) e Shiva (o destruidor do cosmo), no povo indiano; Nü Gua (a deusa criadora) e Fu Xi (o deus criador), na cultura chinesa; Inari (deusa que assegura uma abundante colheita de arroz e protetora da prosperidade geral) e Susano (o deus da tempestade), entre os japoneses; Daghdha (o deus bom, o poderoso de grande sabedoria) e Dian Cécht (médico divino), na cultura céltica; Viracocha (deusa criadora inca), Inti (o deus do sol), Mama Kilya (a deusa da lua) e Ilyap'a (o deus do trovão e do clima), no povo inca da América do Sul.

No Brasil, encontramos mitos oriundos da cultura indígena. Exemplificamos com algumas narrativas do povo xingu, coletadas por Cláudio e Orlando Villas Boas (1986): *O primeiro homem*, *A origem dos gêmeos Sol e Lua*, *A origem do pequi* e *A conquista do fogo*.

Os estudiosos não são unânimes na distinção entre mito e conto popular. De acordo com Leal (1985), o mito difere do conto popular, pois constitui uma narrativa sagrada. Segundo o autor, o gênero aborda temas sérios e busca fornecer respostas para questões vitais da existência humana, como a origem das coisas e do mundo, e, ao mesmo tempo, atribui caráter sagrado a coisas profanas do espaço real; tem por personagens deuses e seres sobrenaturais. Já o conto popular, conforme Leal, é uma narrativa que se funda na tradição e tem seres humanos como heróis. Para o autor, nesse gênero, os elementos sobrenaturais ocupam posição secundária, e seu mais importante atrativo é a própria narrativa, visto que não trata de temas sérios ou faz reflexões profundas.

Simonsen (1987) também diferencia o mito do conto popular. O mito, conforme o autor, está ligado a um rito; seu conteúdo está relacionado ao cosmos ou à religião. Para o

autor, esse gênero textual representa as crenças de um povo, e os acontecimentos fabulosos que ele narra são considerados verdadeiros; seus protagonistas são divindades e heróis. Já o conto popular, de acordo com Simonsen, é um relato em prosa de acontecimentos fictícios, considerados como tais, produzido com o objetivo de divertir. Para ele, suas personagens são seres humanos, seres sobrenaturais e animais.

Tanto o mito quanto o conto popular são gêneros oriundos do imaginário popular, por isso não possuem autor, e um mesmo texto pode ser encontrado em versões diferenciadas. Para Willis (2007), esses gêneros se sobrepõem e se fundem, pois o conto popular pode ser fundamentado ou pontuado por elementos míticos.

Estrutura do gênero textual mito

Bronckart (1999), apoiado nos estudos de Labov e Waletzky (1967), propõe um modelo padrão para a sequência narrativa, que é possível aplicar ao mito:

a) *situação inicial* - exposição ou orientação: apresenta um estado de coisas que pode ser considerado de equilíbrio, não em si mesmo, mas na medida em que a sequência da história vai nele introduzir uma perturbação;

b) *complicação* - transformação: introduz a perturbação, gerando uma tensão;

c) *ações*: englobam os fatos desencadeados por essa perturbação;

d) *resolução* – retransformação: expõe fatos que levam à redução da tensão;

e) *situação final*: evidencia o novo estado de equilíbrio oriundo da resolução.

Em nossos estudos, verificamos que o gênero textual mito pode ter diversas estruturas, no entanto optamos por esse modelo por ser o mais recorrente nos textos analisados.

Análise ilustrativa de um mito

A ORIGEM DO MUNDO

Antes de existir o mar, a terra e o céu, que tudo cobre, a natureza tinha uma só aparência em todo o universo, o Caos: uma massa rude e desordenada, em que nada existia a não ser um peso inerte e diferentes sementes de coisas não bem unidas e desorganizadas.

Nenhum Titã ainda iluminava o mundo; nem Febe, deusa da lua, renovava os chifres no crescente. A terra não estava suspensa em seu circunfuso ar, equilibrando-se apenas pelos seus pesos. Anfitrite, a deusa dos mares, também não havia estendido seus braços ao longo

das margens.

Por onde havia terra, ali também existia mar e ar: assim, era instável a terra, inavegável a onda e carente de luz o ar. Nada mantinha sua forma, e uma coisa interferia nas outras, porque, em um só corpo, o frio combatia o calor; a umidade combatia a seca; o macio combatia o duro e o sem peso combatia o pesado.

Um deus, ou uma melhor natureza, sanou tal duelo, porque do céu separou as terras, e das terras separou as ondas, e do límpido céu separou o ar espesso. Depois de ter separado e livrado essas coisas de sua cega acumulação, dispostas cada uma em seu lugar, as ligou com uma concordante paz.

A força do fogo, sem peso, brilhou no convexo céu, e o lugar se tornou um supremo recinto. Próximo dela está o ar, por sua leveza. A terra foi presa pela sua gravidade e, mais densa, atraiu os grandes elementos. A água fluida ocupou o restante e circundou o mundo sólido.

Então, quando tudo estava pronto, aquele deus, fosse ele quem fosse, dividiu essa massa em lotes. A princípio, para que houvesse igualdade em toda a parte, deu à terra a aparência de um grande globo. Então, ordenou ao mar romper-se e, com os ventos arrebatadores, espalhar-se e circundar os litorais.

Deus também acrescentou fontes, pântanos imensos e lagos, e cingiu rios por entre sinuosas margens. Os rios em parte se absorvem em diversos lugares, em parte chegam ao mar, e, em tal situação, em vez de bater nas margens, são recebidos por águas livres e chegam às praias. Deus ordenou ainda que se alargassem as planícies, cobrissem de folhas os vales e as matas e se elevassem as montanhas rochosas.

E, como o céu possui duas partes, a da esquerda e a da direita, e uma delas é mais ardente do que a outra, deus dividiu igualmente a terra. Dessas partes, uma não é habitável em virtude do calor intenso. A neve cobre, alta, as duas extremidades da terra, e, entre esses extremos, deus colocou um clima moderado, mesclando o frio e o calor.

O ar domina sobre todas as coisas, pois é mais leve do que a terra e a água, e mais pesado do que o fogo. No ar existem também névoas, e ali deus ordenou colocar as nuvens e os trovões, aqueles que aterram as mentes humanas. Mandou ainda colocar os raios, que provocam os relâmpagos, e os ventos. A esses elementos, o criador do mundo não lhes possibilitou estar em toda parte como permitiu ao ar. Apenas agora, quando cada um governa seu espaço, deus pode impedi-los de destruírem o cosmos, tão grande é a discórdia existente entre eles.

Sob a luz da manhã, Euro, o vento sudoeste, se retirou para os reinos dos nabateus, a Pérsia e os picos das montanhas. Zéfiro, o vento suave e agradável, ficou próximo do anoitecer e dos litorais, que estão em sintonia com o sol que vai perdendo o brilho e a força. O horrível Bóreas, o vento frio do norte, invadiu Cítia e Setentrião. Austro, o vento quente do sul, umedeceu a região contrária com nuvens assíduas e chuva. E, sobre todos eles, deus impôs o éter fluido e desprovido de gravidade, que não contém nenhuma impureza da terra.

Postos esses limites, as estrelas, que por muito tempo ficaram presas em uma névoa cega, começaram a brilhar por todo o céu, e para que não houvesse nenhuma região órfã de vida, os astros moram no solo celeste, e com eles os deuses. As ondas foram habitadas pelos brilhantes peixes; a terra acolheu os animais; o ágil ar abrigou os pássaros.

Entre eles ainda faltava um ser vivo mais nobre, mais capaz, com uma mente elevada e que pudesse dominar os demais. Então, nasceu o homem. Ou o criador de todas as coisas, a origem de um mundo melhor, fez o homem com a semente divina, ou a recente terra, há pouco separada do alto éter, retinha as sementes de seu parente, o céu. Misturando o barro com a

água da chuva, ele modelou o homem à imagem dos deuses.

E enquanto os demais seres, encurvados, contemplam a terra, deus, com sua boca sublime, ordenou ao homem ver o céu e ereto levantar seu semblante às estrelas.

Assim, a terra, que antes era rude e disforme, transformou-se e se vestiu de desconhecidas figuras, os homens.

OVIDIO. *Metamorfosis*. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000459.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

Tradução e adaptação dos autores.

A origem do mundo constitui um mito grego, transcrito sob a perspectiva romana por Ovídio. É um gênero narrativo muito antigo, oriundo do imaginário popular. Esse mito pode ser encontrado em outras versões, produzidas por diversos autores.

O texto responde a uma questão vital para o ser humano, ligada a um fenômeno natural, a princípio inexplicável: a origem do mundo e do homem. Portanto, seu conteúdo está ligado ao cosmos. Provavelmente, na época em que esse mito foi criado, o homem pôde reconhecer nele suas origens. A personagem principal é o deus criador, e as personagens secundárias são os seres sobrenaturais: Euro, o vento sudoeste; Zéfiro, o vento suave e agradável; Bóreas, o vento frio do norte, e Austro, o vento quente do sul.

O mito contém absurdos centrados no fato de haver um deus que dá ordens a elementos da natureza e a seres sobrenaturais, e esses obedecem.

Esse mito apresenta uma natureza permanente na figura do deus criador, pois a personagem mantém as mesmas características do início ao final do texto: ele é poderoso e resoluto no seu objetivo de transformar o Caos num mundo habitável.

O mito relatado por Ovídio aborda o mistério do surgimento do mundo, tema presente também na mitologia de outros povos. Segundo Willis, para o povo *dogon*, da África Ocidental, o deus criador, Amma, emitiu uma vibração e rompeu o ovo cósmico, libertando as divindades da ordem e do caos (2007, p.18). Tanto no mito greco-romano quanto no africano aparecem elementos como a ordem e o caos, recorrentes em várias culturas.

O mito *A origem do mundo* pode estruturar-se em: *situação inicial*, *complicação*, *ações*, *resolução* e *situação final*.

a) *Situação inicial* – apresenta o universo como o Caos, uma massa rude e desordenada, e coloca que a terra ainda não estava suspensa em seu circunfuso ar. Relata que, por onde existia terra, também havia mar e ar; assim nada mantinha sua forma, e uma coisa interferia nas outras.

b) *Complicação* – introduz uma perturbação, pois aparece um deus disposto a resolver tais problemas e organizar o Caos.

c) *Ações* – englobam as diversas ações determinadas por deus para organizar o Caos: dispor o céu, as terras, as ondas e o ar espesso cada um seu lugar; fazer brilhar a força do fogo no céu; prender a terra por sua gravidade; dar à terra a aparência de um grande globo; espalhar o mar pelos litorais; acrescentar fontes, pântanos e lagos; cingir rios; alargar as planícies, cobrir de folhas os vales e as matas e elevar as montanhas rochosas; dividir igualmente a terra; colocar as nuvens, os trovões, os raios e os ventos nas névoas do ar; dispor cada um dos ventos, Euro, Zéfiro, Bóreas e Austro, em determinado tempo e espaço; impor sobre todos os ventos o éter fluido e desprovido de gravidade; fazer brilhar as estrelas por todo o céu; pôr os peixes nas ondas, os animais na terra, os pássaros no ar.

d) *Resolução* – expõe o momento em que deus percebe a necessidade de existir um ser vivo com uma mente elevada para dominar os demais. Assim, cria o homem à imagem dos deuses, misturando o barro com a água da chuva, e lhe ordena contemplar ereto o céu, enquanto os demais seres, encurvados, contemplam a terra.

e) *Situação final* – mostra um novo estado de equilíbrio resultante da organização do Caos, protagonizada por deus, e a terra passa a ser habitada pelos seres humanos.

No mito em estudo, o tempo em que ocorrem os fatos é indeterminado, visto que eles estão situados num passado muito distante que não pode ser delimitado: *Antes de existir o mar, a terra e o céu, que tudo cobre [...]*. O local também é impreciso, uma vez que os fatos acontecem em todo o universo.

O mito é narrado na terceira pessoa do discurso: *Nenhum Titã ainda iluminava o mundo nem Febe, deusa da lua, renovava os chifres no crescente*. Sua tipologia textual de base é narrativa, pois relata um fato, a criação do mundo, mobilizando personagens. Os acontecimentos estão organizados de modo a formar uma história completa, com início, meio e fim. A serviço da narração está a descrição, empregada, sobretudo, para caracterizar personagens, lugares e elementos da natureza: [...] *o Caos: uma massa rude e desordenada, em que nada existia a não ser um peso inerte e diferentes sementes de coisas não bem unidas e desorganizadas*.

Estudo de texto

Nesta parte, propõem-se atividades voltadas para a leitura e escrita do gênero textual mito, direcionadas aos alunos do Ensino Médio e/ou Superior.

I. Pré-leitura

1) Dialogando sobre o gênero textual

- a) Você já ouviu falar em mito?
- b) Se você conhece alguns mitos, diga quais são eles.
- c) Do que, geralmente, tratam os mitos?

2) Dialogando a respeito do conteúdo do texto

- a) O texto que você lerá a seguir se intitula *Mito de Prometeu e Pandora*. Você conhece essa história?
- b) Leia o início do mito e diga como você imagina a sequência da história narrada.
 “Os deuses mantêm em segredo aquilo que é vital para os homens, caso contrário a vida seria muito fácil para os mortais. O bravo Prometeu, aquele que vê o futuro, roubou o fogo em um pedaço de férula oco, para dar aos homens, enganando, assim, a Zeus, senhor dos raios.”

II. Leitura

- 1) Leitura silenciosa do mito.
- 2) Leitura em voz alta do texto pelo professor ou por um aluno.

MITO DE PROMETEU E PANDORA

- Os deuses mantêm em segredo aquilo que é vital para os homens, caso contrário a vida seria muito fácil para os mortais. O bravo Prometeu, aquele que vê o futuro, roubou o fogo em um pedaço de férula oco, para dar aos homens, enganando, assim, a Zeus, senhor dos raios.
- Zeus, irritado, porque o sábio Prometeu o enganara, preparou para a humanidade situações que lhe causariam tristezas. Então, Zeus disse indignado:
 - – Prometeu, lanço sobre os futuros homens e sobre ti, que é mais astuto do que ninguém e está feliz por ter roubado o fogo e me enganado, uma grande praga: enviar-lhes-ei um mal com o qual se encantarão e, então, abraçarão seu próprio flagelo.
 - Assim falou e riu Zeus, Pai dos homens e dos deuses, filho de Cronos. Ordenou ao ilustre Hefesto, deus dos coxos, que misturasse terra com água, e do barro formasse uma bela virgem como as deusas imortais, à qual daria voz humana e força. À Atena, deusa de olhos

claros, Zeus determinou que ensinasse à virgem o trabalho das mulheres e a arte de tecer. À venerável Afrodite, deusa da beleza e do amor, Zeus ordenou que desse à mulher a graça de encantar os homens e despertar seu desejo. Ao mensageiro Hermes, matador de Argos, Zeus determinou que concedesse a ela a capacidade de enganar e dissimular.

➤ Assim os deuses obedeceram às ordens do rei Zeus. Hefesto modelou com terra uma imagem parecida com uma virgem venerável; Atena a vestiu e adornou todo seu corpo; Afrodite e suas acompanhantes, as deusas Cárites, colocaram-lhe colares de ouro; as Horas, deusas de formosos cabelos, coroaram a virgem com flores primaveris; Hermes deu-lhe a voz e, em seguida, concedeu-lhe a habilidade de mentir, seduzir e trair.

➤ Zeus chamou a essa mulher de Pandora, porque todos os deuses que moravam no Olimpo deram-lhe algum dom que se transformou em um mal aos homens que comem pão.

➤ Depois de terminar essa obra pernicioso e inevitável, o Pai Zeus enviou Hermes para que entregasse Pandora de presente para Epimeteu, irmão de Prometeu. Epimeteu não levou em conta o que seu irmão lhe havia recomendado: não aceitar nada de Zeus Olímpico e lhe devolver seus presentes, para que não trouxessem desgraça aos mortais. Assim, Epimeteu, aquele que reflete tarde demais, aceitou o presente, e não se sentiu mal até depois de tê-lo recebido.

➤ Antes desse dia, as gerações de homens viviam na Terra livres do mal, do trabalho duro e de enfermidades cruéis que provocavam a morte. Porém, agora, os mortais envelheceriam entre misérias.

➤ Quando Epimeteu recebeu o presente, Pandora ergueu a tampa de uma grande caixa que tinha em suas mãos e espalhou sobre os homens misérias horríveis. Somente a Esperança ficou presa na caixa, e não pôde voar, pois a mulher voltara a fechar a tampa por ordem de Zeus.

➤ A partir de então, espalharam-se inúmeros males entre os homens, que encheram a terra e cobriram o mar. Noite e dia as enfermidades passaram a assolar os seres humanos, trazendo em silêncio todas as dores, porque o sábio Zeus negou a voz aos mortais. Assim, ninguém pode evitar a vontade de Zeus.

HESIOD. *The poems and fragments*. Oxford: At The Clarendon Press, 1908. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/0606_Bk.pdf>. Acesso em: 31 out. 2012. Tradução e adaptação dos autores

III. *Discussão oral*

- 1) As hipóteses que você levantou a respeito da sequência da história narrada se confirmam após a leitura? Comente.
- 2) O que fez Prometeu para causar a ira de Zeus?
- 3) Como Zeus castigou a humanidade pela atitude de Prometeu?
- 4) Como Pandora foi criada? Quem foram os responsáveis por isso?
- 5) Por que Pandora recebeu esse nome?
- 6) Para quem Zeus enviou Pandora?
- 7) Qual foi o conselho que Epimeteu recebeu? Quem lhe deu esse conselho?

- 8) Epitemeu acatou o conselho? Que consequência teve seu ato?
- 9) Você crê que o mal que hoje assola os homens decorre da desobediência de Prometeu? Justifique sua resposta.

IV. *Atividades escritas*

1) Aponte sinônimos para os vocábulos do mito, considerando o contexto em que foram empregados.

a) vital (parágrafo 1):

b) oco (parágrafo 1):

c) férula (parágrafo 1):

d) irritado (parágrafo 1):

e) astuto (parágrafo 3):

f) venerável (parágrafo 4):

g) dissimular (parágrafo 4):

h) formosos (parágrafo 5):

i) perniciososa (parágrafo 7):

j) misérias (parágrafo 9):

k) horríveis (parágrafo 9):

l) enfermidades (parágrafo 10)

2) Quem são as personagens principais do mito em estudo? Diga se eles são seres humanos, heróis, deuses e/ou seres sobrenaturais e explique sua opção.

3) Por que os deuses mantinham o fogo em segredo?

4) Qual é a relação existente entre deuses e homens no mito em estudo?

5) Por que Zeus diz a Prometeu que os homens irão abraçar seu próprio flagelo?

6) Complete com a função de cada personagem na criação de Pandora.

- ◆ Hefesto:
- ◆ Atena:
- ◆ Afrodite:
- ◆ Hermes:
- ◆ deusas Cárites:
- ◆ as Horas:

7) Compare a vida dos homens antes da criação de Pandora e após o castigo imposto por Zeus.

- 8) Qual é a possível causa de somente a Esperança ter ficado presa na caixa?
- 9) Esse mito contém absurdos? Explique.
- 10) Qual é a questão humana que o *Mito de Prometeu e Pandora* tenta explicar?
- 11) Qual é o ensinamento que se pode depreender desse mito?
- 12) A partir da leitura do texto, é possível determinar a época e o espaço de origem do *Mito de Prometeu e Pandora*? Por quê?
- 13) O mito pode ser estruturado em: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final.
 - a) Na situação inicial há a exposição de um estado de coisas que pode ser considerado de equilíbrio. Descreva a situação inicial do mito em estudo.
 - b) Na complicação ocorre uma perturbação que gera uma tensão. Explique como isso acontece no mito.
 - c) A perturbação desencadeia uma série de fatos denominados ações. Aponte três dessas ações.
 - d) Na resolução acontecem fatos que levam à redução da tensão. Indique esses fatos.
 - e) A situação final evidencia um novo estado de equilíbrio oriundo da resolução. Explícite como isso acontece no texto.

Práticas de análise da linguagem e reflexão linguística

- 1) Observe no texto que os nomes dos deuses são acompanhados por expressões ou palavras, chamados de apostos, que especificam melhor quem são esses deuses. Ex.: Hefesto, *deus dos coxos*, [...] (parágrafo 3). Retire do mito todos os apostos e diga a quem se referem.
- 2) O vocativo consiste num termo que serve para chamar ou interpelar com ênfase o interlocutor. Ex.: *Paulo*, não falte às aulas. Aponte no mito em estudo um vocativo.
- 3) Qual é a pessoa do discurso empregada pelo narrador para apresentar os fatos? O narrador é personagem ou observador?
- 4) Observe os tempos verbais empregados no mito.
 - Qual é o tempo verbal que predomina no texto? O que isso revela em relação aos fatos narrados?
 - No segundo parágrafo, percebe-se o emprego do presente. Por que isso ocorre?
 - Qual é o parágrafo que apresenta verbos no futuro do presente? Por que isso acontece?
- 5) No mito em estudo, ocorre a coesão referencial que se concretiza pela referência a elementos do próprio texto. Atente para o texto e indique os referentes dos elementos destacados nas frases que seguem.

- Zeus, irritado, porque o sábio Prometeu *o* enganara, preparou para a humanidade situações que *lhe* causariam tristezas (parágrafo 2).
- – Prometeu, lançou sobre os futuros homens e sobre *ti*, que é mais astuto do que ninguém e está feliz por ter roubado o fogo e *me* enganado, uma grande praga: enviar-*lhes*-ei um mal com o qual se encantarão e, então, abraçarão *seu* próprio flagelo (parágrafo 3).
- [...] Zeus ordenou que desse à mulher a graça de encantar os homens e despertar *seu* desejo. Ao mensageiro Hermes, matador de Argos, Zeus determinou que concedesse *a ela* a capacidade de enganar e dissimular (parágrafo 4).
- Epimeteu não levou em conta o que *seu* irmão *lhe* havia recomendado: não aceitar nada de Zeus Olímpico e *lhe* devolver *seus* presentes, para que não trouxessem desgraça aos mortais. Assim, Epimeteu, *aquele* que reflete tarde demais, aceitou o presente, e não se sentiu mal até depois de tê-*lo* recebido (parágrafo 7).

6) Assinale a tipologia de base do mito em estudo e justifique sua resposta.

() Narração; () descrição; () dissertação; () predição; () injunção; () explicação.

7) No texto em análise há a presença da descrição? Caso a resposta seja afirmativa, exemplifique.

Produção textual

1) *Produção textual escrita*

No mito de Prometeu e Pandora, os homens foram castigados com males por Zeus devido à desobediência de Prometeu.

Dê continuidade à narrativa, supondo que um deus salvará o mundo desse castigo. Use sua imaginação e criatividade, e não se esqueça de aplicar em seu texto as características do mito.

2) *Produção oral*

Escolha uma das propostas abaixo e depois apresente o texto aos colegas:

a) pesquise outros mitos;

b) procure outra versão do *Mito de Prometeu e Pandora*.

Retextualização do gênero

A partir do mito de Prometeu e Pandora, produza uma crônica, refletindo sobre a validade ou não dos mitos no mundo contemporâneo como explicação para as questões essenciais da existência humana.

Considerações finais

Este artigo apresentou um estudo do gênero textual mito e propôs atividades de leitura, escrita e prática de análise linguística voltadas ao Ensino Médio e Superior. A exploração do mito em sala de aula proporciona ao estudante o resgate das crenças de um povo de uma determinada época. Além disso, esse gênero continua presente no cotidiano dos alunos por meio das releituras efetuadas no mundo contemporâneo.

A exploração dos gêneros textuais exige do professor a busca constante de metodologias de ensino consistentes, adequadas e prazerosas, para que o aluno possa desenvolver habilidades e competências de leitura e escrita.

Assim, com esse trabalho, pretendemos contribuir com os estudos na área da linguagem e, sobretudo, disponibilizar subsídios teórico-práticos vinculados ao gênero textual mito.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio – Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 2003. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KRINGS, Hermann et al. **Conceptos fundamentales de filosofía**. Tomo II. Especulación – Ordem. Barcelona: Herder, 1978.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LABOV, W e WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions for personal experiences. In: HELM, J. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967. p.14-44.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Trad. Fátima Sá Correia et al. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

SIMONSEN, M. **O conto popular**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SILVA, Anna Christina Bentes da. **A arte de narrar: da constituição das estórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense**. 2000. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNICAMP, São Paulo.

VILLAS BOAS, Cláudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Xingu: os índios, seus mitos**. 7.ed. Porto Alegre: Kuarup, 1986.

WILLIS, Roy (Org.). **Mitologias: deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo mundo**. Trad. Thaís Costa e Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2007.